

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE



Setores da Evolução Fluminense

Volume 2

*O Homem
e a Restinga*
ALBERTO RIBEIRO LAMEGO

Edição fac-similar

Rio de Janeiro
2007

Marambaia —, e a higienização de seu *modus vivendi* com o abandono definitivo das palhoças por uma vida atualizada em boas habitações.

Tão prementes são estas duas necessidades para a nossa classe de pescadores, que, fiscalizadas ambas pelo governo através do Serviço de Caça e Pesca, bastarão por si para metamorfosear toda a paisagem humana do friso marítimo fluminense das restingas, onde um novo homem certamente surgirá com a libertação de seus caracteres raciais ocultos, elevando-o à cultura moderna por uma nova mentalidade compreensiva de seus direitos adquiridos numa existência rudemente trabalhosa e predispondo-o a um gozo da vida que até hoje lhes negou a tremenda pressão ambiental dos areais improdutivos.

IV. O SAL

"Por esta baía entra a maré muito pela terra a dentro, que é muito baixa, onde de 29 de janeiro até todo o fevereiro, se coalha a água muito depiessa e sem fazer marinhas, thão os índios o sal coalhado e duro, muito alvo, as mãos cheias, de baixo d'água chegando-lhe sempre a maré, sem ficar nunca em seco"

GABRIEL SOARES DE SOUSA: "Tratado Nautico do Brasil" em 1587" 3.^a edição, São Paulo, 1933, pág. 86

Processos geológicos de mesma origem amiúde apresentam efeitos paradoxalmente contrastantes. Um deles é o da formação das restingas. Estéreis e semi-desérticas ao se desdobrarem repetidamente paralelas nas grandes planícies litorâneas, podem elas ao contrário motivar formas geográficas a um só tempo singulares de beleza e prodigalizadoras de fartura.

A piscosidade das lagunas intermitentemente abertas para o mar é fato que frisamos. Mas no caso da Araruama a abundância da pesca é multiplicada pelo fenômeno da salinidade

A gênese das restingas, por si mesma, tende a represar águas marinhas, sendo comuníssima a salobridade das lagunas próximas à linha das praias. Um dos exemplos mais característicos é o da lagoa Salgada a oeste do cabo São Tomé, de águas sempre amargas, onde já o carbonato de cálcio começa a precipitar-se. Grandes áreas lacustres todavia, embolsadas na faixa litorânea, raramente atingem grande salinidade, pela continua vazão dos rios que nelas desembocam. É o caso da lagoa Feia constantemente adocicada do Macabu e do Ururaj.

Os pequenos cursos defluente na Saquarema e na Maricá, de superfícies relativamente reduzidas, bastam para dissolver a água do mar que nelas penetra quer pelas barras provisórias, quer por infiltração através do cômoros.

A Araruama, porém, é por demais vasta. Os pequenos rios que nela vertem escassamente contribuem para o seu volume d'água alastradas por tão grande superfície e vaporizadas pelo vento e pelo sol dos trópicos.

A paleografia litorânea regional mostra-nos que há milhares de anos predispuera a Natureza aí o seu traçado. O serrote costeiro e delimitante ao sul das bacias do Casserebu e do Bacaxá, embora quebrado ao perlongar a Araruama pelo norte, não permite a formação de rios volumosos desaguando na laguna. Todos eles são pequenos; quase secos na estiagem. A Araruama não é um reservatório de rios como a lagoa Feia. Praticamente é um braço de mar.

Deve ter sido profunda em sua origem lacunar, visto que, uma grande espessura de conchas forra seu leito hoje tão raso.

A uma investigação geológica, a salinidade da Araruama é perfeitamente normal e continuamente renovada pelos mares de uma costa onde nenhum rio de importância desemboca. O mais próximo é o São-João. Mas embora a direção da sua foz revele correntes litorâneas arrastando para o sul toda a massa d'água do rio, a ponta dos Búzios torce-a para leste, impedindo-a de chegar a Cabo-Frio e levando os sedimentos para o largo. O mesmo se dá com o pequeno Una, já filtrado em pantanais.

Daí a pureza incomparável dêsse mar transparente igualmente impoluído para oeste, onde só a 110 quilômetros do cabo a Guanabara é a única brecha permanente, recebedora dos pequenos rios de seu recôncavo.

A beleza incomparável do mar de Cabo-Frio deve-se a esta ausência extraordinária de rios de vulto. Toda a carga dos pequenos cursos é depositada nas lagunas, aterrando-as, ou nos brejais dos fundos da Guanabara, lentamente obstruída, além de que, os sedimentos do São-João e do Una, — já filtrados em vastíssimos pantanais —, também derivam para leste, dirigidos para o mar alto pelos Búzios.

Por isso é que um mar tão puro e salgado, através do canal de Itajuru entra na laguna onde a escassez de cursos d'água e a evaporação a transformam em precioso manancial salino.

O sal é ali conhecido desde os primeiros anos da penetração. Já citamos GABRIEL SOARES em seu famoso *Tratado*, de 1587. Outros cronistas também mencionam a riqueza natural de Cabo-Frio. Frei VICENTE DO SALVADOR, é um deles. "Faz-se no Brasil sal não só em salinas artificiais, mas em outras naturais como em

Cabo-Frio e além do rio Grande, onde se acha coalhado em grandes pedras muito e muito alvo".¹⁹¹

Além de indispensável na alimentação, o sal torna-se logo no Brasil de consumo vasto a partir dos tempos primitivos. Com a caça, a pesca e a farinha do índio, sustentam-se os pequenos povoados litorâneos iniciais, sempre à beira d'água e rodeados de florestas. Ampliando-se porém os agrupamentos e desenvolvendo-se a vida urbana, aumentam e complicam-se as necessidades alimentícias decorrentes da crescente urdidura social. O abastecimento de vilas e cidades não mais à mercê da fartura da fauna fugitiva, baseia-se no sério problema dos transportes, tão difíceis e escassos na extensão continental a desbravar-se. Torna-se imperiosa a criação de reservas para o sustento desses grupos isolados que, projetando-se para o interior dão origem a novos povoados, cada vez mais necessitados de provisões seguras para seu viver. Daí a importância do sal.

Nas povoações do litoral, o peixe e a carne de baleia garantem a vida dos colonos, mas assim mesmo há precisão de armazenagem de comestíveis. E a salga das pescarias vem solucionar as alternativas de boas e más colheitas. É sobretudo, porém, com o desenvolvimento da pecuária que a importância do sal revela-se um problema de imediata solução. Do Rio-Grande-do-Sul a Marajó, pelos campos de Curitiba, de Goiás, de Mato-Grosso, de Minas e da Bahia, por todo o Nordeste e sobre as planícies costeiras fluminenses, o desenvolvimento das boiadas vão logo dando ao Brasil, de par com a produção açucareira, os primeiros alicerces de toda a sua economia.

Mas com essa riqueza, nasce a questão dos transportes. Por mais estradas que se rasguem, e por mais navios que sulquem o mar, supera-os a proliferação das manadas. E o entrelaçamento econômico engrandecido, agrava o problema do escoamento da produção. Ademais, com o gado, esse problema envolve o da exportação de carnes e couros para a Europa necessitada. O campo é enorme para a pecuária e seus produtos.

Em sua *História Econômica* ROBERTO SIMONSEN dá-nos a ver a importância da criação do gado no desenvolvimento financeiro da Colônia. Sem o boi não se teria desenvolvido a pesada indústria açucareira, grande consumidora de manadas. As condições geográficas de quase todo o litoral brasileiro com a opulência do açúcar, exigiam atividades sertanejas correlatas ao prodigioso desdobramento dos engenhos. A pecuária desenvolve-se pois, internamente, com as necessidades da indústria litorânea. Há um caso todavia típico, em que uma grande região produtora de açúcar é descoberta e nasce com a proliferação expansiva de reses. É o de Campos.

¹⁹¹ SALVADOR, Frei Vicente do. — *História do Brasil, 1500-1627* 3ª edição revista por CAPISTRANO DE ABREU e RODOLFO GARCIA. São Paulo, pag. 49.

Não foi a desconhecida planície de aluviões toda coberta de florestas que atraíu de início o plantador de canas. Já citamos MALDONADO que, em seu *Roteiro dos Sete Capitães* é bem explícito. Em seus engenhos "em o caminho de Cabo-Frio", não tinham "de onde viesse o gado". As grandes campinas de que tinham "de na abandonada capitania do Paraíba-do-Sul, é que tinham notícias pitões a requererem as sesmarias, "segundo a nossa necessidade de gados".

Ora, vimos essas campinas nada mais serem que a grande planície de restingas. Os verdadeiros Campos-dos-Goitacás. Foi a restinga que atraíu os senhores de engenho. Foi através delas que as aluviões campistas vieram a ser descobertas sob o manto florestal.

Em princípios de setecentos 1 500 000 cabeças de gado, já são computadas na Colônia. Nascia o comércio de carnes salgadas. Também a exportação de couros era enorme. Em 1759, só uma frota da Companhia de Comércio Pará-Maranhão, leva 171 000 meios de solas, 96 640 couros em cabelos e 29 000 atados.¹⁰²

"Os couros do norte eram de preferência salgados, enquanto os do sul, Rio-de-Janeiro e Buenos-Aires eram secos, influência talvez da carência de sal no sul".

Essa carência de sal, porém, não procedia da indolência do colono. É que à população de Cabo-Frio, como à de Campos impedida de levantar engenhos pelos donatários, também fôra proibida pela própria metrópole de extrair o sal.

Nem sempre é o meio geográfico o criador único de empecilhos à sua dominação. Fatôres externos muita vez congregam-se aos obstáculos da ambiência, a fim de retardarem a aclimação de novos grupos humanos. A Terra seduz e atrai, mas interesses mesmo longínquos podem anular essa atração, ainda mais dificultando a progressividade irrefreável da espécie. Nos povos fortes porém, de atributos raciais incontáveis, regulamentações contrárias a ditributos apontadas pela Natureza, nada mais fazem que instigar o homem avivando-lhe a inata oposição a tudo quanto impeça o seu desejo de subir.

Em *O Homem e o Brejo*, vimos a secular tenacidade do campista dominar a terra, conquistando-a com revoltas, amansando-a palmo a palmo com as enxadas. Vemos agora o fluminense de Cabo-Frio desprezando as Ordens Régias para a posse de seu sal.

Tão cioso era Portugal de suas salinas metropolitanas que toda a imensa colônia do Brasil deveria importá-lo para o seu sustento e necessidades. Lisboa queria um império ricamente produtivo e ao mesmo tempo sorvedor de suas indústrias. Daí proibir "que as águas salgadas se fizessem secar, para com isso obter o sal, em prejuízo das marinhas de Setúbal, da Alverca ou da Figueira".

As primeiras proibições dataram de 1665; mas a carta régia de 28 de fevereiro de 1690, dispôs positivamente que "havendo JACQUES GRANATE arrematado o contrato do sal para o Brasil, ficava neste país proibida a fatura dêle, e até o aproveitar-se do que a Natureza produzisse, coalhando-o em salinas ou lagoas. O contrato era tão lesivo aos povos que, de meia pataca o alqueire, conforme se pagava antes, havia subido até o cruzado, o que era enorme, ainda tendo em conta a depreciação de valor operada no numerário. O resultado foi abrir-se mão dessa indústria, tão natural para o Brasil, — por demandar poucos braços e muito solo, que em alguns sítios, como em Cabo-Frio, se apresenta êle fabricado por si mesmo".¹⁹³

Em fins do seiscentos e começos do setecentos, a expansão da pecuária e o interior já mais populoso com a mineração, aumentam as necessidades de sal. O próprio governo português tornara-se monopolizador em 1676. Mas em 1703, passa a concessão a MANUEL DIAS FILGUEIRA. Já é tão importante o consumo do sal que, por volta de 1730, BENTO DA CUNHA LIMA tem o contrato por 50 000 cruzados. De 1744 a 1750, arremata-o LUÍS DE ABREU BARBOSA por 90 000, e em 1764 quatro associados o obtêm por 41:005\$000.¹⁹⁴

Mas o Brasil crescia e nas frotas do reino já não sobra espaço para o sal. No país trancado a todo comércio estranho há tanta falta de embarcações que, em 1651 o Conselho Ultramarino autoriza "o transporte para o Rio em navios da Suécia e de Hamburgo".

O produto chega a ser vendido na costa brasileira, vinte e cinco vezes mais caro que em Portugal. A crise origina protestos populares e das próprias câmaras. Em São-Paulo, BARTOLOMEU DE FARIA reúne a sua gente, desce a Santos, e, de surpresa ataca os armazéns de sal. Saqueia-os, vende ao público pelo valor e volta serra acima, de surrões carregados, destruindo pontes a fim de evitar a perseguição da tropa a seu encalço.¹⁹⁵ Na Bahia, "o motim do Maneta", originou-se na carestia do sal. A Câmara do Rio protesta contra o preço do sal, alegando que escravos e pobres são por isso muitas vezes dêle privados. Em Santos, em 1734, é desta vez o próprio juiz de fora quem força a venda do produto ao preço legal. Na feira de Sorocaba, em 1796, o sal que, em São-Paulo era vendido até 4\$000 o alqueire, sobe a 20\$000, quando o preço previsto era de 1\$280! Em 1799, a Câmara de São-Paulo é autorizada a vender o sal a varejo.

A fome de sal é tanta que, já em fins do setecentos a Coroa permite aos contratadores o aproveitamento do produto brasileiro encontrado nas capitâneas de Pernambuco, Rio-Grande-do-Norte e Cabo-Frio. Mas é só em 1801, que o odioso monopólio é definitivamente abolido.

¹⁹³ PÔRTO SEGURO — *História Geral do Brasil*

¹⁹⁴ RODOLFO GARCIA, cf. ROBERTO SIMONSEN.

¹⁹⁵ SIMONSEN, Roberto — *Obr. cit.*, tomo I, pág. 279

Não obstante, porém, tôdas aquelas medidas opressivas no período colonial, em Cabo-Frio o açambarcamento fôra sempre violado, em grau das penalidades severas. É o que sempre acontece quando leis arbitrárias, absurdas e molestas às necessidades coletivas, coagem a adaptação do homem ao meio, tentando obstar mútuas afinidades naturais.

O que se dera em Campos, na luta pelo massapê, vai repetir-se agora na Araruama. O meio seduz o homem com seus recursos, acirrando-lhe o desejo de conquista da gleba. Tudo pela posse do açúcar na planície campista. Tudo pela posse do sal, nas restingas de Cabo-Frio. O sal é o maior dos bens, a fortuna mais cobiçada, o grande presente da natureza a ser colhido.

"No tempo dos primeiros povoadores dêste continente produziram estas salinas tanta abundância de sal que, podia sustentar bem a capitania do Rio-de-Janeiro: porque ainda consta de títulos antigos declararem os testadores, que possuíam avultados números de moios de sal em diferentes salinas e de diferentes anos".¹⁹⁰

Mas, similarmente à oposição dos monopolizadores da terra em Campos, ergue-se na Araruama a tenaz oposição dos contratadores privilegiados.

"Os mais antigos moradores da região sabiam tirar partido das salinas" diz-nos ainda SAINT-HILAIRE. As primeiras cartas-régias instituidoras do monopólio sempre foram burladas. "Os habitantes das vizinhanças do lago da Araruama não se intimidaram com essa proibição e continuaram a explorar as salinas até que Luís VAIA MONTEIRO, — o famoso "Onça", governador do Rio-de-Janeiro —, "enviou tropas ao distrito de Cabo-Frio, e, sem temer as leis existentes, fêz seqüestrar por sua conta e risco não somente o sal retirado das cisternas, mas ainda os bens daqueles que se entregavam a êsse gênero de exploração".

Era a luta do homem pela terra que, na Baixada-Fluminense, particularmente em Campos, iria assumir aspectos violentíssimos.

A gente porém que povoou a Araruama, era a mesma que dali sairia para os Goitacás. A chusma plebeia e individualista que o Rio-de-Janeiro expedia. Aventureiros e audaciosos em contos com a justiça. Individualistas enérgicos e atrevidos mas por isso mesmo incapazes de associações estáveis para a comum exploração da terra. E a salina exige desde o início o espírito associativo mais desenvolvido. Operariado mais capaz e melhor técnica do que os necessários ao brutal trabalho dos canaviais e das almanjarras primitivas.

A colheita do sal, limitada a poucos meses, não requer como a indústria do açúcar a permanência de pessoal no cultivo da cana nas entressafras. Ademais, o derivativo da pesca, cria uma especialização de trabalho da qual jamais se afastam os que nêle se habituam. E essa desarticulação periódica da salicultura importa em

maior manejo de capitais, em mais antecipada regularização do trabalho, em mais previdência e maior tino agenciador. Daí o fracasso particularista em sua exploração.

Com as reclamações endereçadas à Metrópole, após o golpe de força de Luís VAIA MONTEIRO, D. João V permite aos contratadores a exploração das salinas do Nordeste e de Cabo-Frio. Há então uma corrida para o sal, semelhante à que se dera para as terras açucareiras de Campos, embora em menor escala.

Franqueiam-se as águas da Araruama a todo o mundo para a colheita de sal. Mas os monopolizadores "acabaram por arrendar as principais dentre elas, particularmente as de Cachira e não deixaram ao público senão as menos importantes. Os monopolizadores dão, aos que pedem, a permissão para explorar o sal com a condição de lhes remeterem a metade da colheita".¹⁹⁷

Mesmo os arrendatários beneficiados, porém, não cuidam de melhorar a produção em águas que lhes não pertencem. Falta-lhes o incentivo essencial da permanente posse do meio extrativo, sem a qual a iniciativa particularista dificilmente progride. Daí o sistema primitivo de colheita, a extração irregular e a má qualidade do produto. O homem não está preparado para a indústria. Ademais, por Cabo-Frio transita sempre um sangue novo. Mas segue para Campos, em plena febre de engenhos e com êle arrasta os mais ativos elementos locais. Quase tudo o que ali fica é um refugio hereditário de vontade enfraquecida por uma luta secular e inútil contra as areias, ou o pescador inamovível de suas canoas.

Por isso é que, contrariamente ao que se passa na região açucareira, os poderes públicos são forçados a intervir na salicultura. "Pelos anos de 1768 ou 1769, se distribuiu por aqueles povos o sal duma pequena salina; e como para essa distribuição se acharam presentes o juiz ordinário dessa cidade, que então era DOMINGOS SILVA RIBEIRO, e o seu escrivão ANTÔNIO GONÇALVES IGREJA ambos se propuseram a mandar fechar uma pequena barra, por onde entravam as águas da lagoa de Araruama para a grande salina que se formava na ponta da Massambaba; a qual prometia muita utilidade, e desta pequena causa, ou benefício de se tapar a barra, se conheceu o considerável efeito útil, que produziu no fim de seis meses, em que a estação concorreu muito para se aproveitar o melhor de 50 000 alqueires de sal, sem contar a grande porção que se inutilizou, por causa das chuvas que sobrevieram".¹⁹⁸

A ação porém, é ineficiente contra a incultura geral e os toscos processos de colheita, cujo primitivismo SAINT-HILAIRE ainda observou. "Quando as águas do lago aumentam, enchem as cisternas naturais existentes às suas margens. O lago baixa em seguida, mas a água fica nas cisternas, evaporando-se pouco a pouco e deixando um depósito salino". Nenhum limite a essa evaporação

¹⁹⁷ SAINT-HILAIRE. — *Obi cit*, págs 292-293

¹⁹⁸ *Memória Histórica da Cidade de Cabo-Frio*. — *Obr cit*, pág 223

de modo a reter na água-mãe outros sais indesejáveis. Nenhum cuidado na construção perfeita das salinas. Nenhuma diligência para a obtenção de um produto isento de impurezas.

A exposição ao ar para o beneficiamento do produto, é mesmo evitada. "Esse mesmo sal, depois de tirado das salinas, era conduzido para lugares superiores às alagoas, aonde o amontoavam em pilhas, e queimavam com ramos de goreri, de cujo fogo se formava um cascão, que o preservava das águas das chuvas; e d'este modo conservavam aquêles homens essas grandes porções de sal por serem naquele tempo os maiores haveres que possuíam".¹⁹⁹

Em 1797, contavam-se em tôda a Araruama nove salinas.²⁰⁰ Mas "algumas dessas mesmas salinas já no tempo presente já não produzem sal; e as que o produzem, não prodigalizam aquela mesma abundância que se via nos tempos passados, por causa da frouxidão e moleza da maior parte d'esses povos que se não consal, tirando-lhes o lôdo e outras muitas impuridades de ervas já corrompidas; perdendo-se assim muita quantidade de sal que fica entre o lôdo e ervas nas mesmas salinas."²⁰¹

Dêste modo a produção total nesse ano, das únicas três salinas em funcionamento, reduziu-se a 3 300 alqueires, que foram pelo juiz distribuídas ao povo. Vemos assim outra vez a autoridade a intrometer-se na economia privada da população, fato raro na nossa história colonial.

Os 150 anos de monopólio impedindo a exploração das salinas, mais que tudo contribuiu para a estagnação de uma gente de raízes étnicas vigorosas, ao mesmo tempo que entrouvrou a indústria saliniera com processos atrasados que até hoje repercutem.

Menos otimista que SAINT-HILAIRE, o príncipe MAXIMILIANO em tôda a sua descrição da Araruama, rica de anotações geográficas, apenas dá-nos uma curta linha sobre a salicultura: "O sal é extraído, diz-se, em alguns pontos da margem..."

Em contraste pois com o desenvolvimento da cana de açúcar na Baixada, continuamente incrementado, a salicultura só começa a criar raízes definitivas pelo novecentos. Mas por quase todo este século ainda, vegetaria com a aparição de um novo fator econômico, absorvedor de tôda a iniciativa regional. o café, vindo de espriar-se do Rio-de-Janeiro pelos morros da Baixada e invadindo a margem setentrional das lagunas fluminenses.

¹⁹⁹ Memória Histórica da Cidade de Cabo Frio, pág.
²⁰⁰ Foram aliadas na Ponta de Baixo, no lugar denominado Obliquício, na Ponta da Costa, na Ponta de Perinas.
²⁰¹ Memória Histórica da Cidade de Cabo Frio.

Segundo PEDRO ALCOFORADO, a indústria atual nasceu com a Independência, quando LUÍS LINDBERG, oficial alemão a serviço de PEDRO I, construiu a primeira salina em Cabo-Frio, no local onde existem as instalações da "Perinas". As primeiras exportações para o Rio-de-Janeiro, foram, consoante o mesmo autor, efetuadas em 1824.²⁰²

A salicultura, entretanto, permanece embrionária até os fins do século. Ainda em 1845, o minucioso SAINT-ADOLPHE ao referir-se à Araruama apenas menciona as "salinas naturais" sem qualquer referência a uma exploração metodizada.

Conforme o *Almanaque Laemmert*, a mais antiga das atuais salinas de Cabo-Frio, — a da Conceição —, data de 1852.²⁰³ Em 1856 além das salinas de JOAQUIM ALVES NOGUEIRA DA SILVA, existem duas companhias, uma dirigida por JÚLIO LEIPSIK e a outra pelo Dr. MIGUEL BORTEUX. Em 1859 há três salinas, "mas dêsse ano até 1868 essas esperanças estacionaram, tendo sido quase abandonada a exploração do sal".²⁰⁴

Em 1872, LUÍS BONIFÁCIO LINDBERG, filho do fundador, tenta sem sucesso a evaporação artificial por meio de combustível. Pela mesma época, o engenheiro francês LEGER PALMER funda a salina "Moçoró" em São-Pedro-d'Aldeia, primitivamente dos Índios. Em 1885, o português LUÍS JOÃO GAGO, natural de Aveiro, constrói a salina "Acaíra" pelos modelos das salinas portuguesas.²⁰⁵

Mas com estas e outras iniciativas, a salicultura não progride, e é só em 1895, com a supressão da cabotagem estrangeira que o sal de Cabo-Frio toma súbitamente grande impulso, revigorado com a taxaçoão aduaneira desde 1902. Segundo LEOPOLDO DE BULHÕES, em 1905 já importávamos 35,71 % de sal a menos do que naquele ano.

Continua porém a grande concorrência do sal de Cadiz, que só começa a declinar com a escassez de transporte durante a primeira Grande Guerra.

Para que se veja com que rapidez a salicultura desenvolveu-se em poucos anos dêste século damos a seguinte relação do número de salinas por Estado, em três anos destacados:²⁰⁶

²⁰² ALCOFORADO, Pedro Guedes — *O Sal Fluminense*, 2ª edição, Niterói, 1930, pág. 56
²⁰³ *Almanaque Laemmert*, 1930, 4º volume
²⁰⁴ ALCOFORADO, Pedro Guedes — *Obr. cit.*, pág. 56
²⁰⁵ *Idem* — *Idem*, pág. 57
²⁰⁶ Dados do recenseamento do Brasil de 1920

	1907	1912	1920
Rio-de-Janeiro	50		
Rio-Grande-do-Norte	1	61	
Sergipe	—	43	67
Alagoas	—	357	35
Bahia	1	11	97
Ceará	—	18	7
Maranhão	—	73	3
Pernambuco	—	137	2
Piauí	—	55	2
Paraíba	1	—	15
		1	2

Nota-se por êste quadro um súbito despertar da iniciativa salineira que não obstante logo esmoreceu na maioria dos Estados. No Rio-Grande-do-Norte e no Rio-de-Janeiro, porém, os resultados foram definitivos. Neste último, em 13 anos, aumentou de 7 vezes a produção quase triplicando o seu capital.

A população da Araruama encarrilhara afinal as suas iniciativas aos destinos que lhe indicava o meio geográfico, por uma expansão industrial definitiva. Após trezentos anos da conquista é que o homem pôde encontrar o seu caminho, harmonizado com a ambiência.²⁰⁷

O esplendor do café sucedendo ao monopólio colonial, explica o retardamento da salicultura. Foi precisa a decadência das lavouras. A terra exausta e limpa para que os olhos habituados à contemplação das filas de cafeeiros súbitamente espantados ante os morros pelados se voltassem para as águas da laguna, prenhes de riqueza menos suntuária, porém que dura quanto o mar.

A indústria salineira vai agora progredir. Mas pela frente a esperam numerosos empecilhos que tentarão aniquilá-la. E, para melhor compreender a sua evolução em plena marcha, é mister

²⁰⁷ Para que se note o desinterêse pela salicultura no passado século, explicável com a febre do café, damos o seguinte quadro demonstrativo da expansão da rubiacea pelos municípios marginaes à Araruama. Ao mesmo tempo aí se vê o raquitismo da cultura por excelência da Baixada no Império: a da cana de açúcar.

FREGUESIAS	ANO DE 1880			FREGUESIAS	ANO DE 1889		
	Fazendas de café	Fazendas de açúcar e aguardante	Salinas		Fazendas de café	Fazendas de açúcar e aguardante	Salinas
Cabo Frio	71	2	3	Cabo Frio	105	2	2
São Pedro d'Aldeia	123	4	—	São Pedro d'Aldeia	202	6	—
Araruama	447	8	—	Araruama	398	4	—
Squarema	670	4	—	Squarema	317	4	—

Curioso é neste quadro observar-se o derradeiro estágio da grande cultura cafeeira para leste, ao longo do litoral das lagunas, notando-se o declínio da cultura nas mais antigas zonas da retaguarda. A onda cresce desde as encostas da Araruama, São Pedro e Cabo Frio, estalando-se repentinamente em Squarema onde o número de fazendeiros desce em nove anos a menos de metade, com a terra gasta. Estamos no grande período do café na Província do Rio de Janeiro que, em 1853, exportava com as suas 7 403 761 arrobas, 78 714 % da produção nacional, cabendo a São Paulo apenas 12,003 % com 1 129 313 arrobas. ("Relatório" cit.)

antes de tudo especificá-la desde o seu embasamento físico. Partir do fatalismo geográfico num relato expositor das condições fisiográficas regionais, explicativas da anormalidade salina da laguna já inicialmente demonstrada com a sua formação geológica descrita. Dêste ponto de saída chegaremos à complexidade dos fatores econômicos e sociais que hoje ainda ali entravam a salicultura intensificada. Da terra chegaremos ao homem.

Dos primeiros estudos cientificamente orientados sobre o problema do sal na Araruama, um dos melhores é o dos engenheiros MÁRIO DA SILVA e RAIMUNDO RIBEIRO FILHO.²⁰⁸ Nessa magnífica monografia em que os dois técnicos viram o problema salineiro sob ângulos diversos, descortina-se o quanto há por fazer para a melhoria da exploração e o muito a se esperar das imensas possibilidades da Araruama.

A laguna é destacada entre as regiões salineiras do Brasil como um paradoxo. A situação das nossas salinas pelas costas do Nordeste, do Maranhão à Bahia é natural devido às condições do clima, "únicos guias para a localização da indústria". As "condições particulares e especiais" da Araruama é que transportam para o litoral do sul a colheita do sal.

Já é mesmo possível deduzir dêsse trabalho, especializado para fins industriais, a capital importância do fenômeno geológico na futura geografia humana regional. É ali visível num exemplo singular e raro, a subordinação do fator climático na extração do sal, aos fatores geológicos genésicos da laguna.

"Pelos dados fornecidos pelo *Boletim Meteorológico*, depreende-se que, a evaporação e insolação em Cabo-Frio não apresentam nada de anormal, relativamente à região em que está encravada. A Baixada, em outros pontos, Campos por exemplo, ou mesmo o Rio-de-Janeiro, expressam por números equivalentes as horas de insolação, pouco superior a 2 000. O Nordeste brasileiro conta com um total muito superior, onde o litoral recebe uma insolação anual de 2 000 horas aproximadamente". Quanto à evaporação, embora intensa, não é ela excepcional. Anda em volta de 200 milímetros. "Embora inferior à das zonas secas do interior e mesmo um pouco mais baixa que a de Campos, êsse registro não deixa de ser notável, se se alude à sua situação no litoral, submetido a uma pressão intensa. É contudo, convém notar, muito inferior à das regiões salineiras do Nordeste, onde por exemplo, a estação de Natal marca uma evaporação anual que excede a 1 200 milímetros".

Tais observações, feitas na cidade de Cabo-Frio, levam os autores a presumirem alterações de temperatura, pluviosidade e evaporação nas salinas, em zonas mais baixas e em descampados de restingas. Não nos parece entretanto que, as condições topográ-

²⁰⁸ SILVA PINHO, Mário da e RIBEIRO FILHO, Raimundo — *A Indústria Salina no Estado do Rio de Janeiro* n.º 52 do *Serv. Geol. e Min. do Brasil*, Rio, 1930.

Asas regionais dessa faixa costeira indiquem a existência de microclimas num ponto nela encravado, capazes de modificações sensíveis e aberrantes. O que verdadeiramente influi na indústria do sal da Araruama, em contraste com a do Nordeste, é a pluviosidade, acarretando irregularidades na colheita que se faz de outubro a fevereiro, embora a temperatura e a mais baixa pressão também influam na evaporação.

É bem notável que a pluviosidade regional se caracterize por cifras inferiores. "Raramente o litoral da Baixada ao norte, desce a uma pluviosidade tão baixa como em Cabo-Frio". Campos por exemplo, onde as chuvas já se tornam deficientes para a lavoura de cana, registrou em cinco anos 5 000 milímetros, enquanto no mesmo período em Cabo-Frio, somente caíram 3 000 milímetros. Números pequenos, ao serem comparados com os dados de Ilhéus e de Angra-dos-Reis, ao norte e ao sul da zona em aprêço, cujos dados foram respectivamente de 1 500 e 2 000 milímetros anuais.

Convém notar que, na estiagem de julho a setembro, as chuvas diminuem para 5% do total. "A baixada da Araruama tem muitos caracteres das regiões semi-áridas. Forma todos os anos, ao lado das zonas mais secas nessas latitudes, ou mesmo se equipara a partes do litoral nordestino, com o qual tem pontos de semelhança muito notáveis. A escassez e uma certa desigualdade das chuvas, o desaparecimento dos cursos d'água na estiagem e a vegetação deficiente, lembrando caatingas, são aspectos que dão caráter particular a esta região".

Ao descrevermos a fisionomia regional, mostramos que a circulação intermitente das pequenas bacias que defluem na laguna provém do sistema orográfico litorâneo onde, embora os divisores não se afastem muito para o norte, o esfacelamento do serrote que vem de oeste, ali anula a barreira de precipitação.

Ademais, todo esse litoral da Baixada, incluindo Cabo-Frio, apresenta uma pressão barométrica muito elevada, sendo a média de 763 milímetros. A temperatura média é de 23°.

A não ser pois a pluviosidade que de fato influi na salinidade da grande laguna, nota-se que, os outros fatores climáticos pouco apresentam favoravelmente à produção de sal. E essa mesma pluviosidade é decorrente da geologia regional, em suas resultantes litogenéticas.

Elemento importante na indústria salineira é vento. Este sim é que afeta diretamente as salinas. "Por uma razão ou outra, o certo é que, a velocidade dos ventos nessa latitude da costa é considerável, superior à de qualquer outro ponto, desde o sul da Bahia até o extremo do litoral fluminense, e o contraste torna-se mais frisante, se se considera o litoral da Baixada que se estende para o norte, até muito além de Macaé, zona calma muito menos batida pelos ventos". O aquecimento solar das grandes planícies de restingas, ocasionando uma aspiração das camadas atmosféricas em contacto com o solo, deve ter influência neste caso. A percentagem

anual de frequência de ventos em Cabo-Frio é de cerca de 65% para o nordeste, e, o restante de ventos do sul, principalmente do sudoeste.

Vemos assim que até o presente, a não ser com referência aos ventos, a Climatologia não traz elementos adicionais aos fatores geológicos contribuintes para a formação das salinas.

A mesma pluviosidade que de fato influi na salinidade da grande laguna, deve a sua limitação em primeira causa à estrutura geológica regional e à petrografia, orientadoras da gliptogênese talhadora do sistema orográfico.

O rendimento das salinas da Araruama é de quatro ou cinco vezes o das salinas européias, embora inferior ao das do Nordeste, e, segundo vimos, para um tal rendimento, os fatores climatológicos pouco contribuem, a não ser com o vento.

O apêlo geográfico da Terra ao Homem, é pois direto. É ela mesma que, dirigida pela fatalidade geológica de sua formação, indica e impõe ao povoador um meio de vida condicionado ao meio telúrico.

A formação da Araruama com o seu "milagre geológico" do Itajuru, alicerçou desde os fundamentos pré-históricos — e provavelmente pré-humanos — nessa zona terrestre, uma futura imposição de contactos do Homem com a Terra, em tal modo prefixando as ligações que, neste quadro se esboroa o livre-arbítrio. A Araruama foi criada para salineiros e pescadores, e, com seus 30 milhões de toneladas de conchas do fundo da lagoa, talvez para indústrias que utilizem o carbonato de cálcio em grande escala, como a da cal ou a do cimento.

Vejamos como o homem dela extrai a maior de suas riquezas. O processo da colheita de sal, resume-se numa calha de alimentação, em tanques de carga, em vaporizadores e cristalizadores. Dêstes últimos, a água-mãe retorna à laguna pela valas de esgôto.

A ausência do efeito das marés em quase tôda a Araruama, é substituída pelos moinhos de vento que acionam bombas de madeira e elevam a água para os tanques, dando às margens da laguna essa fisionomia tão pitoresca

As águas que chegam dos tanques de alimentação aos evaporadores, ali concentram-se até cerca de 24° Bé, passando então aos cristalizadores, onde o cloreto de sódio começa a precipitar-se. Ao atingirem uma concentração de 30° Bé, faz-se a descarga da salmoura para a vala de esgôto.

Dos cristalizadores o sal é recolhido pelos "rodos de encimar", empilhado em pequenas mēdas, e a seguir transportado em carinhos de mão ou cestas para as grandes mēdas, onde por algumas semanas fica exposto até ser armazenado. As colheitas, variáveis conforme as condições meteorológicas, são feitas em regime nor-



Fig. 134 - Os moinhos das salinas que ainda mais embelezam as margens da Araruama. (Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 135 - Cristalizadores, medas e depósitos de sal em São-Pedro-d'Aldeia. (Foto A. R. LAMEGO)



Fig. 136 - *Pelas brancas margens da Araruama...*



Fig. 137 - *Por toda a parte as medas de sal...*



Fig. 138 - Recanto da Araruama junto à praia da Massambaba, coberto de salinas, vendo-se os tanques e os cristalizadores. (Por gentileza do Instituto Nacional do Sal)

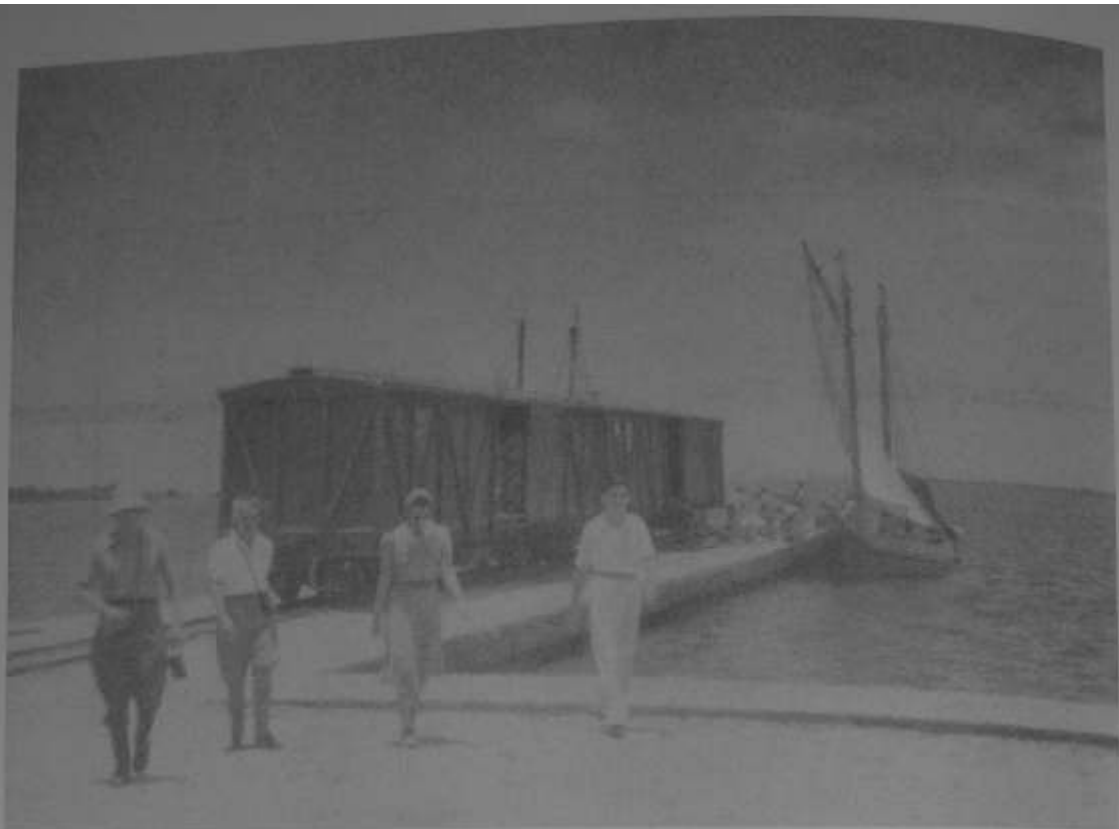


Fig. 139 - Chegada de um barco de sal à cidade de Araruama. (Foto JUNQUEIRA SCHMIDT)



Fig. 140 - Desembarque do sal. (Foto JUNQUEIRA SCHMIDT)



Fig. 141 - *Pesagem dos sacos de sal.* (Foto JUNQUEIRA SCHMIDT)

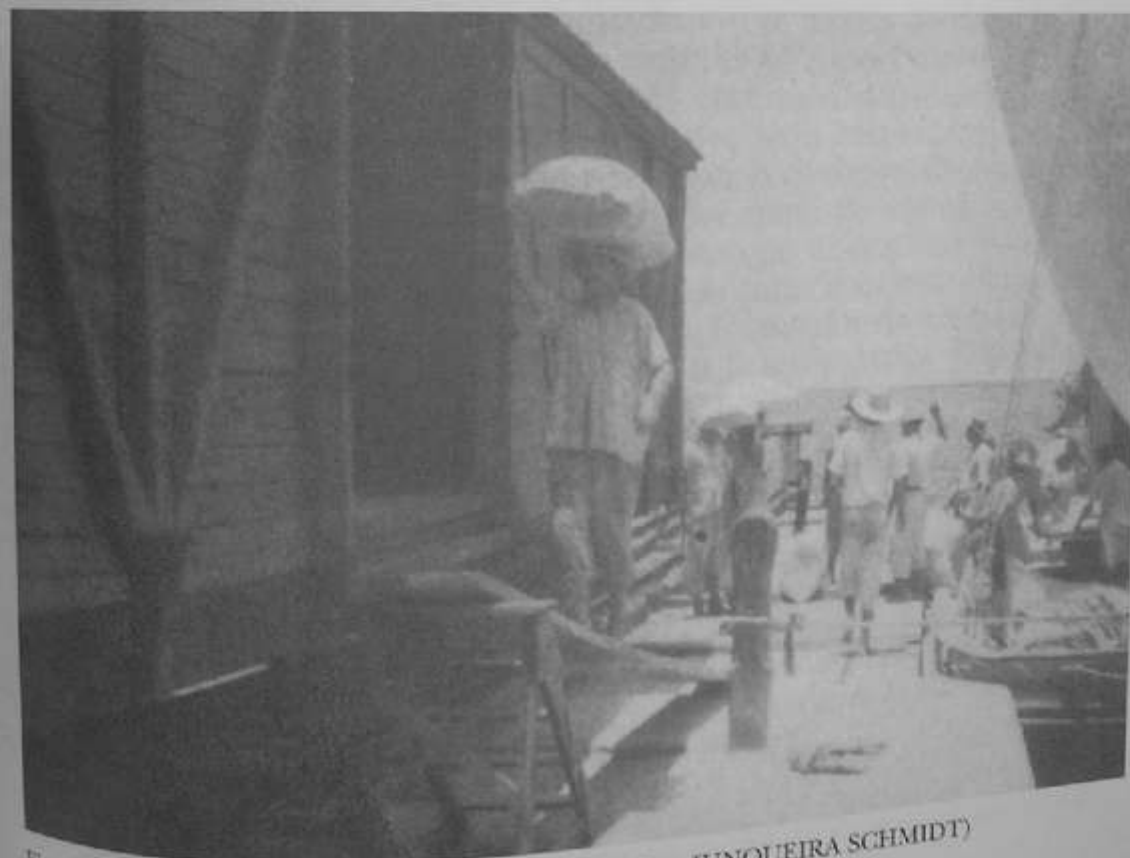


Fig. 142 - *Embarque do sal nos vagões da E. F. Maricá.* (Foto JUNQUEIRA SCHMIDT)

mal de dois em dois dias, "diferença grande que existe entre o processo fluminense e os europeus, nos quais são elas muito afastadas".²⁰⁹ A safra que é de outubro a março, podendo porém ser iniciada desde julho, rende em épocas normais de 70 a 150 toneladas de sal por hectare, conforme a salinidade.

Dos pequenos armazéns, é levado o sal para o entreposto de Cabo-Frio, em lanchas de 20 a 30 toneladas,²¹⁰ com dois a quatro homens de tripulação. "Navegação penosa, atribulada e demorada, tendo de quando em vez, vencer baixios ou coroas, e lutar contra os terríveis temporais da lagoa; parte do lucro da indústria é consumido nestes 40 quilômetros de navegação".

A construção de salinas não é tão fácil como parece, exigindo conhecimentos e perícia de práticos. Das três fases que comporta, — limpa e aplainamento do terreno, divisão e nivelamento dos quadros e impermeabilização do fundo —, a última é a mais difícil, em vista do solo arenoso em que são cortadas, permitindo a infiltração das águas da laguna.

"Quando o solo é argiloso, a impermeabilização é, por assim dizer, natural, sendo suficiente deixar que se forme com o tempo a camada de algas que protege o fundo". Este é denominado "praia". Mas, "quando o terreno é arenoso ou argilo-arenoso, a vedação é lenta e só obtida com meses de trabalho. Os salineiros operam de dois modos: ou lançam sobre os quadros um pouco de tabatinga e depois fazem com que a camada vegetal se forme em cima, ou obtêm a impermeabilização unicamente com esta última. Em ambos os casos é necessário construir um pequeno reservatório onde se deixam as águas concentrando até obter o desenvolvimento das algas; conseguido isto, elas são levadas por meio de calhas para os quadros e aí deixadas. Os poros do terreno se colmatam pouco a pouco com as lamas vegetais e depósitos de sais de cálcio, como um filtro que estancasse, havendo por fim a formação da camada vegetal superior, com uma espessura de 2 a 3 milímetros. Esses dois tipos de terreno dão um grande trabalho, pois precisam estar sempre cobertos d'água para evitar fendas e rachas devidas ao calor do sol; algumas semanas de calmaria, impedindo a elevação das águas, causam às vezes perda de anos de trabalho, com a ruptura da "praia".²¹¹

Outra dificuldade na construção da salina, é a infiltração das águas do subsolo, diluídas pelas chuvas, e evitadas por valas de circunvalação. Com tudo isto, porém, no sal da Araruama o volume não se valoriza pela qualidade, bem compreendida pela sua análise química.²¹²

²⁰⁹ Obi. cit., pág. 35.
²¹⁰ Hoje parte do sal sai diretamente das estações da estrada de ferro ou pelo porto de Foz de Iguaçu.
²¹¹ Obi. cit., pág. 38.
²¹² A Tragédia do Sal Brasileiro. Obs. Econ. e Fin. N.º 38, pág. 99.

Análise do sal de Cabo-Frio

Na Cl	84,64
Na ₂ SO ₄	1,40
Mg Cl	1,27
Resíduos insolúveis	1,27
Água	12,25

O excesso d'água é um dos grandes fatores que prejudicam o produto, removível entretanto por beneficiamento:

Análise do sal de Cabo-Frio beneficiado

Na Cl	98,38
Na ₂ SO ₄	0,40
Mg Cl	0,07
Resíduos insolúveis	1,15

A irregularidade nos cristais e a sua côr são outros elementos a minorarem o valor do sal fluminense, em comparação com o do norte. A cristalização irregular, norteadada pela prática, pode levar ademais a água-mãe acima de 34° Bé, resultando num produto inferior, com percentagens altas de sulfato de cálcio — gesso —, e, de sais magnesianos.

A tais falhas técnicas, generalizadas na indústria salineira fluminense com exceção de poucas emprêsas cientificamente orientadas, junte-se a falta de "cura", isto é da exposição por dois ou mais anos à ação de agentes atmosféricos, para uma completa desidratação e alcance de um produto perfeitamente sêco e livre de impurezas como o similar estrangeiro, que não há muito era importado quase com exclusividade para as indústrias de conservas e charqueadas.

Como tôdas as nossas indústrias nascidas empiricamente das possibilidades do nosso meio, criadas por contágio numa população de medíocre nível cultural, muitos empecilhos era de esperar-se em sua evolução. A falta de orientação e cultura técnica, adicionasse ainda um defeituoso sistema de crédito, incapaz de garantir a prazo longo um capital imobilizado na "curagem", e um primitivo aparelhamento de transportes, e antevê-se logo o almejado progresso da salicultura fluminense presa facilíma de atravessadores.

A ausência de espírito associativo nessa população hereditariamente individualista mais própria tornava ainda o açambarcamento da produção da Araruama com seu grande número de salicultores que, em 1930, justamente com a revolução que em muito amordaçou a exploração capitalista, numeravam cento e vinte.

De tudo isto, e do mais que adiante veremos, resultou o atrofamento da indústria salineira fluminense, muito embora não haja no Brasil sub-consumo do produto.

Segundo uma das mais acatadas autoridades, "se consumirmos o sal em relação ao número de habitantes, necessidade dos rebanhos e movimento das indústrias, teríamos que produzir ao menos 2 500 000 toneladas anuais".²¹³ Mesmo com sub-consumo, as 500 000 toneladas de produção anual, dão-nos um deficit de 100 000.

A produção máxima da Araruama, é calculada em 140 000 toneladas. As salinas ocupam as seguintes áreas nos três municípios produtores:

Cabo-Frio	9 830 000 m ²
Araruama	6 170 000 "
São-Pedro-d'Aldeia	2 530 000 "
	18 530 000 m ²

Quanto à área de praias e restingas utilizáveis corresponde a cada município a seguinte percentagem:

Cabo-Frio	60%
Araruama	25%
São-Pedro-d'Aldeia	15%

Tais cifras, porém, não exprimem que percentagem idêntica deva ser esperada em cada produção municipal, visto que a salinidade aumenta para os fundos da laguna, onde no município de Araruama as águas são bastantes amargas. A isto se deve a maior produção relativa dêste município em relação ao de Cabo-Frio, o que pode evidenciar-se pelos estoques de 1935:

Cabo-Frio	39 417 000 Kgs ou 48%
Araruama	21 371 700 " " 40%
São-Pedro-d'Aldeia	9 569 000 " " 21%

A irradiação econômica da Araruama vai bem longe, não obstante a deficiência do sistema de transportes atuais. Vasta é a população servida por seu sal, como o demonstra a seguinte estatística da exportação de Cabo-Frio, em 1937:²¹⁴

²¹³ DUARTE, Diocleciano — *A Indústria Extrativa do Sal Observada*. Econômico e Financeiro N.º 52, maio de 1940.
²¹⁴ *A Tragédia do Sal Brasileira* — Obs Econ e Fin N.º 38, pag 80.

Capital-Federal	10 512 186	Kgs.
Norte de São-Paulo	2 116 936	"
São-Paulo, capital	12 638 084	"
Sul de Minas	2 537 563	"
Linha do Centro	6 808 352	"
Oeste de Minas	1 608 352	"
Estado-do-Rio	3 995 206	"
Diversos	495 243	"
Norte e Espírito-Santo	4 457 559	"
Paraná	602 000	"
Santa-Catarina	6 258 052	"
Rio-Grande-do-Sul	2 715 717	"
Zona da Leopoldina	5 938 987	"
Filial de Macaé	12 287 512	"
	72 971 749	

Com uma tal distribuição por mercados garantidos, era de crer-se que a zona salineira se desenvolveria sob uma sólida prosperidade. Puro engano. O problema da salicultura é um dos mais graves, com tôda uma barreira de obstáculos incrivelmente o prejudicando de tal forma que, o govêrno por decreto-lei de 10 de junho de 1940, resolveu a criação do Instituto Nacional do Sal a cujo encargo fica a solução do grande mecanismo econômico-social de insubstituível atuação na própria vida do país.

O curioso a respeito é, como já brevemente assinalamos, não se trata propriamente de super-produção em face do fraco poder aquisitivo de nosso povo, — como acontecia com o açúcar, o café, e outros produtos —, mas da sua regulamentação por órgãos oficiais. O problema econômico do sal, enraiza-se a causas próprias, determinadas parcialmente pela inépcia de extintos governos asfixiando a indústria salineira de impostos absurdos, além dos fretes caríssimos e proibitivos.

MÁRIO DA SILVA PINTO, já citado como um dos mais idôneos pesquisadores da questão, em Cabo-Frio, volta recentemente ao seu estudo, com argumentos mais completos, englobando a produção total brasileira.²¹⁵

Tomando-se como base o Rio-Grande-do-Norte, maior dos nossos Estados produtores, dá-nos êle os seguintes elementos para o custo da tonelada de sal:

Custo do sal nos depósitos da salina	20\$000
Despesa de embarque, — desatêrro, carregamento das barcaças, transporte de 8 milhas até o navio ao largo, carga do navio	20\$000

²¹⁵ SILVA PINTO, MÁRIO DA — O Sal na Economia Brasileira Obs Econ e Fin. N.º 63: setembro de 1940

Impôsto federal de consumo	30\$000
Impôsto estadual e municipal	8\$000
Impôsto de vendas mercantis, — 1,25 % sobre o valor médio a 200\$000	2\$800
Saco para acondicionamento, — \$900 o saco de 30 kg. ..	33\$000
Financiamento a 90 dias, — 3 % sobre 220\$000	6\$600
	120\$400

Quer isto dizer que, apenas colocado a bordo, a distância curta das regiões praianas produtoras, o sal já é encarecido de *mais de cinco vêzes o seu custo nas salinas!*

Continuemos. O frete marítimo, ante-bellum, era o seguinte:

Cif Rio	86\$000
Cif Santos	95\$000
Cif Rio-Grande	121\$000
Pelotas ..	141\$000
Cif Pôrto-Alegre	124\$000
Portos de Mato-Grosso	187\$000

Por aí compreende-se a revelação de que a tonelada de sal no Triângulo-Mineiro suba a 450\$000, em Mato-Grosso chegue a 700\$000, e, em Goiás atinja 900\$000, quando o custo inicial foi de apenas 20\$000 ! ²¹⁶

País contando um dos maiores rebanhos do mundo, o Brasil tem o melhoramento de seu gado impedido por uma irracional organização de fretes e impostos. E isto para o artigo bruto, recolhido nas salinas, onde a qualidade do produto é diminuído por matérias insolúveis, — conchas, areia, e terra —, umidade excessiva e impurezas químicas e biológicas. Estas últimas constituídas por bactérias de putrefação que vivem no sal, sobretudo as sarcinas, são conhecidamente perniciosas para as indústrias de conservas — charque, frigoríficos, salga de peixe —, que consomem atualmente no país cêrca de 90 000 toneladas anuais

O desmazêlo dos salineiros igualmente contribuía assim para a concorrência do sal estrangeiro e "curado", cujo prejuízo à indústria nacional só pôde ser detido com uma tarifa protecionista de 280\$000 por tonelada! Sômente com o amparo oficial é que desce e anula-se quase a importação do sal de Cadiz, absorvedora de milhares de contos. Os efeitos dessa redução num simples quinquênio pode ser avaliado pelas seguintes cifras, aliás já em 1930 bem inferiores à importação anterior. ²¹⁷

²¹⁶ O Sal Brasileiro. Obs Econ e Financieiro N.º 28, maio de 1938
²¹⁷ A Tragédia do Sal Brasileiro Obs Econ e Financieiro, maio de 1939

<i>Ano</i>	<i>Sal importado (toneladas)</i>	<i>Valor em contos de réis</i>
	58 611	4 541
1930	20 951	2 282
1931	24 150	2 077
1932	10 433	877
1933	1 943	286
1934		

Neste último ano a importação de sal refinado descera a 80 toneladas num valor de 27 contos.

O protecionismo simples da barreira alfandegária, todavia, não resolve o problema do sal cuja necessária incrementação do consumo pede a melhoria do produto, a redução de impostos e o barateamento dos fretes. No caso regional da Araruama, de tão vantajosa posição para os mercados do sul, há cifras ainda que revelam as dificuldades com que luta a indústria.

No período de seis anos, — 1930 a 1935 —, foi a seguinte a exportação fluminense:

Cabo-Frio	3 188 051 sacos
Araruama	1 369 889 "
São-Pedro-d'Aldeia	798 574 "

Ora, este sal que pagou de impostos federais, estaduais e municipais 9.761 595\$400, veio a custar por tonelada *cif* Rio 175\$000 e *cif* Porto-Alegre 260\$000

A posição geográfica da Araruama que deveria beneficiar as regiões mais populosas e de maiores indústrias no país, pouco influi portanto no maior consumo do produto. A expansão da indústria salineira tão promissora com o crescimento da nossa população e com seu maior emprêgo na pecuária é dêste modo inconscientemente retardada.

Não param porém aí os empecilhos à sua expansividade. São todos os óbices acorrentadores da produção, outro, pior que os demais abateu-se, vindo impossibilitar qualquer melhoria industrial a praga do intermediário

O mesmo que se dera com outras indústrias, notadamente a do açúcar, subjugada por grandes firmas antes da sua regulamentação pelo governo, deu-se com o sal em condições porém ainda mais nocivas. Sob a pressão da escassez de transportes e dos impostos elevados viram-se os salineiros fluminenses compelidos a um contrato de "venda exclusiva" a um grupo de firmas consolidadas sob o nome de "Centro do Comércio de Sal Fluminense Ltda."

Era quase o fim. A escravidão econômica dos produtores a meia dúzia de magnatas capitalistas. Dois milhões de sacos anualmente monopolizados. Voltava-se aos tempos da Colônia!

Para que se veja a que ponto é levada a exploração do trabalho pelo capital, citaremos apenas algumas cláusulas do tenebroso contrato.²¹⁸

Em primeiro lugar, a produção era vendida *única e exclusivamente* ao referido "Centro", o qual apenas se obrigava a retirar cada mês 3% dos estoques. A seguir, o sal considerado *imprescritível pelos açambarcadores* só era por eles aceito *se lhes conviesse*, com o abatimento de 50% sobre o sal comum. "Em toda barca ou caminhão em que fôr encontrado sal de mais de um tipo, — reza o parágrafo terceiro do contrato —, será todo o sal dêsse veículo pago pela qualificação mais baixa".²¹⁹

Já com isto deveria contentar-se a voracidade capitalista de tão conceituados cidadãos. Entretanto há mais ainda. Entre os primores da "liberdade" do tão chorado liberalismo que permitia monopólios draconianos de parasitas inteiramente alheios à produção, há sempre o direito de tripúdio livre sobre os escravos que já suga. E com o sal fluminense, o cinismo atinge as raias do inacreditável com o dispositivo contratual de que, em caso de contendas, o vendedor só poderá apelar para o "Centro", isto é para o próprio comprador!

Mirem-se nisto os panegiristas de um regime onde os problemas resolvidos para o interesse de grupos capitalistas, são exclusivamente estudados sob o ponto de vista da capacidade tributária, sem a intervenção dos governos com sua função primordial que é a de promover o bem estar da coletividade, mas ao contrário permitindo que livremente se sofisme em seu Direito Comercial o que por outro lado o seu Direito Penal qualifica de furto.

Transcendentes maravilhas do liberalismo decaído. Do comércio "livre" onde meros rabiscadores de assinaturas, simples negociadores do trabalho alheio, em escritórios de luxo no Rio-de-Janeiro conjuram-se na inaudita ganância de esmagarem o produtor que lhes dá fortunas, para depois sugarem as grandes massas consumidoras com trustes privilegiados.

Desta exposição de fatos concretos deduz-se logo a impossibilidade de um beneficiamento econômico-social na Araruama. A posição geográfica da laguna, tão próxima ao Rio-de-Janeiro é antes uma presa certa de magnatas cavilosos.

Golpe rude foi para o "Centro" a criação do Instituto Nacional do Sal que, alheio a interesses intermediários entre a produção e o consumo é livre de encarar a questão sob o cunho econômico-social. Por lei, visa a sua administração assegurar o equilíbrio entre o consumo e a produção, fixar tipos do produto, sugerir aos governos federal, estaduais e municipais medidas necessárias ao melhoramento da produção e do consumo; promover o financiamento, o

fomento da indústria, a construção de armazéns; estudar as possibilidades de exportação; vedar o transporte do produto que não satisfaça as exigências de análises químicas previstas e proibir a construção de novas salinas ou a ampliação das atuais.

Tais poderes e a determinante decisão expressa no decreto-lei que proíbe na comissão executiva do Instituto a presença de comerciantes, comissários ou distribuidores de sal, indicam uma preocupação honesta, um equilíbrio justiceiro desejoso pelo menos de talhar cobiças monstruosas do super-capitalismo voraz.

A proibição pelo Estado do Rio Grande do Norte, em 1934, da saída de sal sem pelo menos um ano de "cura", já fôra um grande passo para o beneficiamento da produção. Em Cabo Frio, ademais, duas refinarias e vários moinhos de moer sal, contribuem para o melhoramento da indústria salineira. E às medidas já tomadas pelo Instituto, seguir-se-á necessariamente a crescente fiscalização do próprio meio social dos trabalhadores das salinas, fortalecendo a aplicação das leis trabalhistas.

O resto virá por si, com o aceleramento progressivo da cultura do país, desde que o governo, compreensivo das necessidades regionais minore os impostos que agravam o sal, regularize o problema dos fretes em navios e estradas de ferro facilitando o transporte aos centros consumidores, decidindo afinal a correr o pano sobre o drama do sal que há mais de trezentos anos teve início e que somente agora aparenta chegar ao fim.

V. TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

O isolamento e a deficiência de comunicações resultam em estagnação, isolamento e morte. A facilidade com que se deslocam de um lugar para outro, homens e mercadorias, constitui índice seguro do ponto a que já atingiu o domínio do homem sobre o meio " ROY NASH: A Conquista do Brasil" Rio, 1939, pág. 247

Não apresentando as restingas fatores telúricos favoráveis a grandes adensamentos humanos, sua importância é contudo decisiva na penetração do norte fluminense no passado.

Foram elas o rumo natural, a estrada previamente aberta, ou melhor, multiplicidade de caminhos todos orientados paralelamente ao contorno da costa, indicando a rota a ser pisada pelos desbravadores primitivos. De um lado, um mar que além de Macaé não oferece ancoradouros à invasão dos misteriosos campos dos Goitacás, onde o terror indígena isola a terra inatingida pelo branco. Do outro, os matagais e pântanos da Baixada, opondo à marcha das entradas, barreiras só desfeitas com uma cultura compensadora de grandes esforços para as derrubadas. o café.